

A GRATIDÃO COMO TAREFA CULTURAL

Quanto temos a aprender da palavra gratidão! Parece um argumento minúsculo e para mais hoje praticamente destituído de cidadania cultural ou civil, a gratidão. Mas como escreveu Agustina Bessa-Luís, não há como os pequenos atos para exprimir aquilo que é grande e futurante no ser humano. De facto, não só no âmbito da experiência pessoal, mas também para a aventura coletiva que uma comunidade política incessantemente é chamada a viver, a gratidão representa um componente sem o qual a arquitetura profunda balança. Tinha razão Cícero quando fazia depender da gratidão todos os valores, quer os da vida privada, quer os que qualificam a vida em sociedade. A gratidão, como a própria etimologia nos faz ver, coloca no centro o reconhecimento de uma graça que nos precede. E esse reconhecimento é, de facto, o motor da vida. No princípio está, portanto, a graça, o dom, a benevolência, o esforço e o génio dos que nos antecederam transformado em dádiva, a inteligência e a generosidade de uma imensa corrente humana sem a qual nós não seríamos. Ninguém depende somente de si. Somos uma obra dos outros. Por isso, antes de nos tornarmos protagonistas e criadores (e para nos tornarmos protagonistas e criadores) temos de nos descobrir, em algum momento, gerados por uma graça que nos é transmitida. E só quando nos compreendemos assim, como seres gerados, somos capazes também de pensar a história não como fragmento desconexo, mas como articulada sequência de gerações.

Na contemporaneidade, por exemplo, o filósofo Jean-Luc Nancy levantou uma questão que faz pensar: a de saber se, num mundo em clara mutação como é o nosso, ainda é possível falar de gerações. Para se falar de gerações é necessário que a geração presente se sinta em parte gerada pela anterior, se considere devedora desse engendramento, se assuma como herdeira de um dinamismo que, mesmo na sucessão, mantém linhas de continuidade. Essas são formas concretas de plasmar a gratidão. Ora, num mundo que se autorrepresenta, até de forma exasperada, a partir do paradigma da rutura e da fragmentação algo fica subtraído quanto à possibilidade de nos experimentarmos como geração. Para Nancy, uma das razões do mal-estar e desorientação da civilização atual é que «as gerações não se sabem nem se sentem geradas, mas sim destituídas, abandonadas, ou ainda largadas à

beira de uma estrada [...], numa região confusa e desprovida de pistas e sinais». E esta desorientação ou vertigem atinge hoje a todos: não só os que têm vinte anos, mas também os de oitenta. É como se a crise dos encadeamentos entre gerações nos desligasse uns dos outros, nos tornasse mais incertos sobre aquilo que somos, mais hesitantes quanto à duração e aos modos de transmitir e herdar o mundo, sem saber o que temos a agradecer uns aos outros. «De onde vim?» «Somos herdeiros de quem?» «Quem nos continuará?» «Qual é verdadeiramente a nossa história?» «Que nos é pedido para conservar e levar mais longe?» Culturalmente, faltam-nos testemunhas, transmissores e mediadores para um diálogo colaborativo entre gerações que ajude a encontrar respostas consistentes para estas perguntas. Precisamos, por isso, de um pacto intergeracional, mas celebrado em torno à gratidão e não em torno ao ressentimento, quanto a pontos fundamentais sobre o presente e o futuro do homem e do mundo. Na mensagem do dia Mundial da Paz, para o próximo ano de 2023, o Papa Francisco exorta «a colocar de novo no centro a palavra «juntos». «Com efeito – diz ele-, é juntos, na fraternidade e solidariedade, que construímos a paz, garantimos a justiça, superamos os acontecimentos mais dolorosos». Se pensarmos nos imensos desafios epocais que somos chamados a enfrentar «juntos», desde a crise ambiental e o futuro do planeta à tentação que representam as visões radicais do pós-humanismo que pretendem promover versões, por assim dizer, melhoradas do ser humano e que correm o risco de redundar numa redução da pessoa humana, da sua dignidade e da sua liberdade, percebemos quanto é vital que a unir as gerações esteja um vínculo forte do coração, como a gratidão constitui. Se pensarmos hoje na solidão e na incerteza da vida dos velhos, remetidos a um abandono e a um desinteresse, como se terminada a atividade produtiva deixassem de ser úteis (o que é um total absurdo e um desperdício humano); se pensarmos como a precariedade se arrisca tornar sempre mais a normalidade para as jovens gerações a quem não se dão horizontes de autonomia para, por exemplo, constituir família, pensar em ter filhos, assumir uma vida própria que plenamente lhes pertença, percebemos a urgência de encontrar paradigmas de organização social centrados efetivamente na pessoa humana. Isolados, excluídos da dinâmica circular do dom, sem ninguém para reconhecer no interior das transações de sentido que a vida requiere, sem nada para agradecer aos antecedentes ou para confiar aos vindouros, tornamo-nos átomos vagantes sempre mais

infelizes e vulneráveis. É a gratidão que nos reforça para as grandes tarefas do ser.

Lembro o que escreveu uma grande poeta portuguesa nascida nesta cidade do Porto, Sophia de Mello Breyner Andresen:

Quando o meu corpo apodrecer e eu for morta
Continuará o jardim, o céu e o mar,
E como hoje igualmente hão de bailar
As quatro estações à minha porta.

Outros em Abril passarão no pomar
Em que eu tantas vezes passei,
Haverá longos poentes sobre o mar,
Outros amarão as coisas que eu amei.

Será o mesmo brilho, a mesma festa,
Será o mesmo jardim à minha porta,
E os cabelos doirados da floresta,
Como se eu não estivesse morta.

Há, na verdade, uma forma de perenidade que devemos uns aos outros. «Juntos», associados por esse laço ético e qualificante que é a gratidão, resistiremos à usura do tempo e às crises que ciclicamente nos mergulham. Ninguém se sentirá só. Seremos comunidade e comunidade coesa. Ninguém será descartado ou deixado para trás. Então realmente poderemos dizer: «Será o mesmo brilho, a mesma festa, será o mesmo jardim». A escola da gratidão pode desempenhar um papel fulcral como cimento dessa vida comum. Recordo aquilo que escreveu o filósofo Martin Heidegger: «A gratidão acorda ao Ser o regresso à verdade». A gratidão faz-nos regressar à verdade que a vida é na sua essência. Para isso, precisamos de reaprender a gratidão e a introduzi-la com maior frequência e naturalidade nas dinâmicas pessoais e sociais. Uma sociedade humana torna-se digna desse nome quando ao morrer cada ser humano diz «obrigado».

Recebendo das vossas mãos um prémio que entre as suas finalidades inscreve o pensamento da portugalidade e o seu contributo para os valores

humanos universais – prémio que comovidamente agradeço -, gostava de evocar brevemente uma interpretação de Portugal e do seu destino atualmente em desuso, mas que inscrita numa justa hermenêutica crítica pode dizer alguma coisa de relevante ao nosso tempo. Nós portugueses do século XXI devemos reler com gratidão esses extraordinários pensadores que se ocuparam de Portugal como tema – do Padre António Vieira a Pascoaes, de Fernando Pessoa a Agostinho da Silva ou a Dalila Pereira da Costa. Eles usaram para pensar Portugal uma chave que chamaríamos mítica ou messiânica e que hoje se diria culturalmente inoperativa. Mas não se trata de transpor sem mais para o presente essa visão. Questão mais interessante é interrogarmo-nos sobre os desafios que o presente pode colher dela. E, nessa linha, sublinharia brevemente dois aspetos, tendo como pano de fundo o nosso elogio da gratidão:

O primeiro prende-se com a certeza consolidada que, por exemplo, um cosmopolita como António Vieira tinha de que Portugal para ver-se a si mesmo precisa de inscrever-se no mundo, alargando a sua pequena esquadria geográfica, maturando as possibilidades que a internacionalidade oferece. Vieira falava do valor da relação com redes mais amplas e credíveis de conhecimento, defendendo, por exemplo, que não poderia governar bem Portugal «quem não viu mais mundo que de Lisboa a Belém». É verdade, Portugal não se realiza fechando-se em si mesmo. Mas, por outro lado, este *sair de si* não visa a diluição. Portugal deve salvaguardar a sua identidade, inclusive porque essa é também no mundo a sua missão. Só reforçando-se como projeto nacional, Portugal pode descobrir e concretizar a sua vocação de abertura ao universal.

O segundo aspeto – e não menos importante - é a vitória sobre o pessimismo que infelizmente é uma das tentações de Portugal. Ao longo da história muitas vezes se discutiu se Portugal seria ou não viável como país. A lição de pensadores como Vieira é que um país não se faz sem números, mas que os números não bastam para fazer um país. Por isso ele escreveu: «Todos os que na matéria de Portugal se guiaram pelo discurso erraram e se perderam». E incitou-nos, sim, a escrever uma história do futuro. Na verdade, só honraremos devidamente a tarefa que a história representa se aceitarmos ser construtores da história do futuro. Mas para isso, Portugal precisa hoje dar mais valor político à esperança.

Certamente uma herança que os pensadores da portugalidade, na sua saudável diversidade, nos legam – de Camões a Vieira, de Pascoaes a Saramago, de José Marinho a Eduardo Lourenço – é a largueza. Pensar

Portugal com largueza. Essa largueza também nos responsabiliza para ultrapassar as visões pequeninas, parciais ou sem ambição. Temos a responsabilidade de abrir largamente os olhos para olhar, com inteligência e coração, este projeto coletivo que é Portugal.

Utilizei a palavra responsabilidade e com ela termino a minha reflexão. Um autor como São Tomás de Aquino, que muito pensou filosoficamente o que representa a gratidão, explicava que o seu caminho se compõe de diversos graus e tarefas. A primeira delas propõe que o beneficiário reconheça (*ut recognoscat*) o bem recebido. A segunda, que o beneficiário expresse claramente a sua gratidão manifestando-a sob a forma de encómio ou louvor (*ut gratias agat*). Mas a gratidão não termina aí. A gratidão só se realiza efetivamente com o assumir de uma responsabilidade: isto é, o dever de restituir o bem recebido a outros segundo as possibilidades e as circunstâncias. A consciência de que somos agraciados vincula-nos seriamente à restituição da graça. Isso mesmo nós portugueses dizemos com a palavra obrigado. Essa é, na verdade, uma curiosidade da nossa língua. Outras línguas ligam a fórmula mais corrente da gratidão ao reconhecimento do bem ofertado, como o inglês (*thank*) e o alemão (*danken*). Outras ainda (são talvez a maioria) associam-na ao louvor por um bem ou serviço recebidos. E isso vemos desde o árabe (*shukran*) ao castelhano (*gracias*). Mas o português é uma das poucas línguas em que a fórmula corrente de gratidão alude também à responsabilidade de restituir. Ao dizer obrigado assumimos que ficámos *ob-ligatus*. Como se vê, a língua portuguesa não é só, como Fernando Pessoa disse, a nossa pátria. É também a nossa tarefa.

Senhor Presidente da Fundação Ilídio Pinho e distintos membros do júri agradeço-vos de coração por me permitirem hoje dizer humildemente «obrigado».

José Tolentino de Mendonça
Porto, 19 de Dezembro de 2022